O DESEJO DO PSICANALISTA NO PASSE*

Isabelle Morin

Em 1967, Lacan propõe o procedimento do passe à comunidade analítica. Sua proposição tinha muitas visadas. A primeira era a de responder sobre a experiência, ordenando – a, a segunda era a de dar os meios de esclarecer uma questão que coloca o final de análise quando o propomos como a produção de um analista.

Lacan fala do desejo do psicanalista acentuando o "do" impessoal para nos significar que não se trata do desejo do sujeito, mas do desejo de onde ele opera enquanto psicanalista.

O lugar do psicanalista é um lugar "estranho", um lugar orientado por uma falha. O analista é um "falhado", falha muito particular; falha do objeto e falha frente ao que visa "a eficácia social". Este lugar do analista não tem nenhum correspondente em nossas sociedades capitalistas e científicas. Em nossas sociedades "eficazes", a falta-a-ser s é tratada pelos substitutos que são a identificação de massa. Pensemos em todas as formas de inflação ou de infatuação do eu que são propostas pela mídia, ou bem na oferta de objetos destinados a tamponar esses efeitos de falta – a – ser. Em conseqüência, não cessamos de cruzar pelo caminho com os deixados para lá de nossa sociedade que quer "adaptados" (cf. os ideais da psicologia do eu) e não cessa de produzir novos modelos de desadaptados: os SEM (sem teto, sem terra), os toxicômanos, os marginais de todo tipo, novas testemunhas do mal estar na civilização.

O que acontece ao final de uma análise para que o analisante considere a possibilidade de assumir o lugar de analista? Aceitar essa falha e esse lugar de refugo no qual ele, sem falta, acabará se ele conduz

seus analisantes a esse ponto de finitude. Aceitar se prestar à transferência do analisante e pagar com sua pessoa.

Há posições em nosso mundo que têm mais charme, e, até mesmo, mais originalidade. Qual encontro se produz num dado momento em uma análise? De qual percepção se trata para que emerja essa questão?

Lacan fala dessa *"sombra espessa a recobrir esse concerto"* (1). O concerto sendo a passagem de analisante à analista. Esse "desejo novo", o desejo do psicanalista, não há nenhum modelo "em outro lugar" em que o desejo é correlato do objeto e não da falta do objeto.

Eu pretendo tentar demonstrar por qual operação a passagem de analisante à analista é possível e, depois, como a questão de assumir o lugar do analista pode surgir daí e ser construída no *a posteriori* desse momento de passe, quer dizer, no tempo do fim.

Há uma operação lógica que conduz a essa questão. No tratamento, a fantasia é construída, passo a passo, num tempo para compreender, graças ao lugar que o analista ocupa como suporte do objeto *a* do Outro. Depois, vem o momento de concluir, que é um instante, um clarão, que conduz o analisante a aperceber subitamente do mal entendido que guiava todas as suas ações e subentendia a lógica de sua vida. É como um buraco, um véu que se rasga, uma tela atravessada. Há um "de repente" e "o novo" a assumir. Entre o "de repente" e o "novo", há uma descontinuidade que releva uma experiência difícil de transmitir porque é um buraco, uma falha. Dizer que isto acontece não é suficiente, senão a experiência seria da ordem de uma mística. Trata-se, pois, de torná-la lógica para transmiti-la. O matema que Lacan dá da fantasia, S barrado<>a, nos significa que se trata, na fantasia, da relação do sujeito com o objeto. Ele propõe ler isto assim: *"o S barrado [...] em fading diante do objeto de desejo"* (2).

No momento de travessia da fantasia, trata-se, com efeito, do objeto que aparece em sua vertente pulsional, remetendo o sujeito ao que ele foi como objeto para o Outro ao qual ele endereçava sua demanda, ou seja, esse Outro implicado em seu gozo.

Esse momento é independente de um outro encontro correlativo do primeiro, mas é aí que há uma operação lógica, porque eles são ligados e o segundo se deduz do primeiro.

Este segundo tempo é o encontro com o objeto como lugar vazio, *"este objeto que é, de fato, apenas a presença de um oco, de um vazio, ocupável [...] por qualquer objeto e de que conhecemos a instância somente sob a forma do objeto perdido pequeno a"*. É o que Lacan chama de objeto causa do desejo; quer dizer, um desejo causado

pela falta.

Faço uma escansão, de dois tempos, porque o objeto em sua vertente pulsional deve ser inicialmente percebido para que sua falta apareça. Esta posição permite compreender que o passe na análise, quer dizer, este momento em que se passa de analisante a analista, não pode ter lugar antes da travessia da fantasia, devendo esta última ser atravessada para desprender-se esse lugar vazio que é o que contorna a pulsão.

A vertente pulsional dá a volta, do lado da fantasia, como o que sustentava o desejo do sujeito. O entrevisto do vazio, encerrado pela pulsão, permite deduzir a castração. É, o nota Lacan, *"a assunção da castração que cria a falta de que se institui o desejo"*.

No tratamento e, em particular, no tempo de construção da fantasia, as figuras da castração se encontram nas diferentes modalidades da falta: falta no Outro, falta a ser, falta a ter ou a gozar. Mas este encontro com o objeto a é outra coisa, desde que não se trata mais de uma queixa para o sujeito. Ele se bate contra um real. Ele pode constatar ou não as conseqüências para o desejo. É uma percepção sobre a estrutura do desejo. O analisante, ao final de uma análise, continuada após a travessia da fantasia, encontra "logicamente" esse objeto a. A questão do desejo do psicanalista, a de consentir em ocupar esse lugar, surge desse encontro. Os ideais do eu caíram, o analisante aprendeu o essencial sobre o desejo e de qual objeto se tratava, ele não está mais no mesmo lugar. É este descentramento preparado pela queda das identificações, depois catalisado pela travessia da fantasia, que o conduz, num segundo tempo, a um encontro com o objeto como falta. Mesmo sendo este segundo tempo simultâneo, convém demarcá-lo como diferente. Isto pode ser dito de diferentes maneiras: não há objeto que satisfaça a pulsão, ou ainda, o objeto é sempre inadequado, deixando, pois, aparecer a ausência de objeto, isolando assim um lugar vazio.

É aí que um encontro pode ter lugar com o que é a psicanálise e o lugar do psicanalista: aquele que ocupará, em seu ato, esse lugar.

É sobre este fundo de perdas e de encontro com um real que pode colocar-se ou surgir a questão, para um analisante, de assumir para outros o lugar de semblante de objeto. Trata-se de, com efeito, para o analista ocupar o lugar desse objeto causa do desejo, deixando-o vazio, quer dizer, assumi-lo sem estar aí enquanto sujeito, para que o desejo do analisante possa advir. Lugar vazio, mas que deve ser assumido, porque é graças a esse vazio que não se sabe se o analisante terá algumas possibilidades de fazer suportar sua relação ao objeto primordial.

É possível elaborar as coordenadas dessa passagem, fora das

particularidades de uma neurose, enquanto que estas lhe são intimamente ligadas? As coordenadas da passagem delimitam um antes e um depois a serem apreendidos, a serem transmitidos; ou seja, a lógica de um ato. A questão é demonstrar como uma análise, levada até o ponto de destituição do sujeito, confronta o analisante com esse momento chamado de passe (como momento clínico). O que eu chamo de passe é o encontro com esse vazio que encerra os objetos pulsionais e que faz surgir a estrutura do desejo.

A demanda de ser analista, quando ela é colocada no início do tratamento, não tem estritamente nada a ver com a questão que surge no fim. O desejo do psicanalista não é, em nada, o desejo de ser psicanalista. É uma outra questão. Concretamente, o desejo do psicanalista é aquilo que o sustenta em seu ato, é o que faz, por exemplo, que ele leve seus analisantes a não interromper o tratamento nos momentos difíceis ou que ele se oriente pela estrutura, mesmo que esta seja uma posição, às vezes, difícil de manter. Não ceder de seu ato é o corolário do desejo do psicanalista.

No texto *A proposição de 9 e outubro de 1967*, Lacan propõe aos passantes apreender alguma coisa desse momento de passagem. No "Discurso à EFP", ele coloca um limite. Ele propõe dizer o que *"é uma psicanálise que introduz a seu próprio ato"* (3), mas um pouco mais adiante ele afina sua posição notando *" já falei bastante, eu penso, para que se compreenda que não se trata, de jeito nenhum, de analisar o desejo do psicanalista"* (4); e ele continua observando: *"Não ousaremos nem mesmo falar de seu lugar claro, antes de ter articulado, o que o necessita, da demanda do neurótico, a qual dá o ponto de onde ele não é articulável"*.

Lacan coloca, parece-me que a partir da demanda do neurótico, há uma necessidade de que ela deva ser articulada em termos de lógica. Porque em termos de lógica? Porque o necessário se deduz. Isto se deduz da demanda do neurótico, ou seja, da lógica de sua construção neurótica, quer dizer, que se há necessidade, há também uma descontinuidade ligada ao salto do ato. Isto não se deduz estritamente da demanda do neurótico, quer dizer, da lógica do neurótico; há um laço de necessidade, mas há também da contingência. O contingente é esse encontro com o objeto nessas duas vertentes, pulsional e de vazio. O que não se deduz por definição é a contingência; ela pode ter lugar ou não. No salto, a ruptura, que representa a travessia da fantasia, a descontinuidade situa uma parte do desejo do analista como inarticulável, uma parte que escapa, como se pudéssemos prestar contas de um antes e de um depois, mas não do momento de ruptura.

O analisante deve, pois, tentar demarcar em sua história a qual lógica

estava ligada sua questão inicial endereçada à psicanálise. Por exemplo, a questão do pai é central na neurose. A função do pai consiste em colocar ordem na lei do desejo. O surgimento dessa função pode inscrever-se no tempo do fim, tanto para o obsessivo como para a histérica, como saída de um saber sobre o desejo, quer dizer, como um efeito do nome do pai. A questão de assumir o lugar do analista para os outros pode articular-se a esse saber, lá onde o analisante "sabe" os efeitos das modalidades do desejo de um pai. Consentir em ocupar esse lugar de analista pode ser uma resposta a um saber sobre os efeitos da posição do pai no lugar do desejo. Há numerosas ocorrências que podem presidir a esse "consentimento" no final de análise - tantas ocorrências quanto passantes, cabe a cada um demonstrá-lo.

De qual natureza é a decisão necessária ao ato analítico? É este um consentimento, uma escolha forçada ou uma decisão? É, às vezes, uma questão muito viva, cujas coordenadas poderiam esclarecer o desejo do analista.

Após o tratamento e o procedimento do passe, permanece alguma coisa que é, ao mesmo tempo, alívio e seriedade. Alívio porque desalienada da fantasia e do Outro e séria porque atada a uma nova orientação, surgida como central, evidente, destacada de todo objeto e de que o sujeito tem como responsabilidade suportar doravante o saber e suas conseqüências. Suportar o saber, isto é sério.

Lacan fala de entusiasmo. É um entusiasmo que não é levado pela identificação a uma causa, mas ligado ao encontro do "que causa"; é a diferença entre qualquer causa militante, que identifica e a causa analítica. Este encontro com "o que causa", sob as espécies do objeto a, pode orientar um sujeito na via da psicanálise, mas não é a única possibilidade; alguns, como Pierre Rey, testemunharam sobre outras decisões como sair do campo da psicanálise para seguir uma outra via, a partir do que foi apreendido, em particular, a da criação. A psicanálise não é a via da criação.

Finalmente, dizer que um tratamento produz um analista é, simplesmente, dar ao tratamento um ponto de visada e assinalar até que encontro o tratamento deve continuar; mas um analisante pode dizer "não".

Lacan dizia mesmo que estes eram os melhores, o que possui todo um interesse. Por que para um sujeito uma escolha se imporia ou uma decisão valeria mais do que uma outra, no sentido do valor? É nestes termos que a questão pode ser abordada?

O que o causa vem da inscrição na linguagem e da perda que se segue e, logo, da maneira pela qual o sujeito se constitui no Outro do desejo, onde ele encontra sua inscrição como sujeito desejante, mas desejante do desejo do Outro.

O sujeito pode, no final da análise, optar por uma posição onde o que ele aprendeu da falta-a-ser, ele o sente como não podendo se esquivar disso. É a vertente escolha forçada, um "não é possível não", a psicanálise não larga, então aja! É também o lado incurável da neurose, ocupar o lugar do analista, quer dizer, daquele "que não recobre a castração", mas que terá por função levá-la às suas mais extremas conseqüências; e conduzir aqueles que demandam uma análise a esse ponto de encontro, pode se impor como questão crucial. Mas nesse ponto, ninguém pré-julga ainda a resposta.

O que o sujeito aprendeu sobre o desejo não é suficiente para evidenciar sua decisão em assumir esse lugar, é preciso ainda um "esforço", pois, por que esse lugar valeria mais do que os outros?

O analista não é um bom samaritano que quer fazer o outro aproveitar de sua descoberta, na idéia de seu bem; ao contrário, ele estaria mais inclinado a ir embora sem olhar para trás.

Não é uma posição invejável, posição onde nem o objeto, nem o narcisismo guiam em posição de analista. É preciso muito abandono e aceitação de perda.

É uma decisão na vertente do consentimento ligado ao que vale do desejo, ligado ao que, se o desejo se orienta pelo que falta, ele vale mais do que todos "os objetos do mundo", é uma conclusão lógica. O analisante poderá, então, decidir ocupar esse lugar de semblante de objeto.

Falar do que vale é difícil porque o preço para cada um do que vale não está inscrito em nenhum lugar, não há modelo. Isso é transmissível ou pode ser experimentado? Lacan chama isso um Ato. Aquele que se engaja no procedimento do passe pode esforçar-se em dizer a qual lógica o Ato presidiu. É a única maneira de avançar sobre a questão do que é uma análise levada ao termo de produzir um analista.

* Texto publicado na Revue de l'École de la Cause Freudienne, nº 27, 1994.
Tradução: Rosângela Corgosinho

Referências Bibliográficas:

1. Lacan Jacques. *Proposition du 9 octobre 1967 pour la procédure de la passe*, Scilicet, nº 1, p. 24.
2. Lacan j.. *La direction de la cure*, Écrits, Paris, Seuil, 1996, p. 634.
3. Lacan j.. *Discours à EFP*, Scilicet, nº 2/3, Paris, Seuil, 1970, p. 19.
4. Idem. p. 23.